

Seleção, sim; coleções, não!

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais
Aplicados
Universidade de Brasília

A seleção de material bibliográfico e audiovisual é tarefa específica do bibliotecário, cuja missão foi comparada pelo ensaísta Ortega y Gasset a "Um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem". As coleções de obras-primas da cultura universal — tanto quanto as de culturas nacionais — devem ser evitadas pelas bibliotecas públicas porque resultam muito mais dispendiosas do que a compra de cada obra, em edições mais idôneas e menos caras.

Os leitores brasileiros e, principalmente, os bibliotecários — cuja missão Ortega y Gasset comparou a "um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem" (1) — precisam estar vigilantes contra certos editores mais interessados em vender do que em escolher. Seleção, entretanto, é tarefa da qual os bibliotecários não podem abdicar, a não ser em favor de consultores idôneos; nunca para beneficiar a prostituição em que se transformou, numa época de explosão bibliográfica, a indústria e o comércio de livros. Com a dupla autoridade de escritor e diretor da Biblioteca Nacional de seu país, Jorge Luis Borges afirmou que "Ordenar bibliotecas es ejercer / de un modo silencioso y modesto / el arte de la crítica" (2).

Nota prévia a ser expandida com os resultados de minuciosa análise das coleções brasileiras aqui mencionadas e de outras mais recentes.

Já abordei, em outro artigo, o caso das enciclopédias, transformadas repentinamente em excelente negócio, sem que seus editores demonstrem qualquer interesse pela idoneidade dos colaboradores e exatidão dos verbetes. Esse artigo — diga-se de passagem — foi acolhido pela revista **Ciência da Informação**, depois de haver sido recusado pelo suplemento literário de conceituado jornal carioca, sob a alegação de que perderia, publicando-o, a publicidade de duas editoras da enciclopédia mais criticada (3).

Diga-se também de passagem que o negócio das enciclopédias não é um **caso** apenas nacional, mas internacional, inclusive porque as mais importantes editoras de enciclopédias ditas brasileiras são subsidiadas por capital estrangeiro.

Na presente nota prévia procurarei tratar de outra moda editorial brasileira: a das coleções. Entende-se tecnicamente como tal o conjunto de obras independentes, mas relacionadas a determinada matéria, numeradas sucessivamente e publicadas por um só editor, com apresentação uniforme e um título coletivo que aparece, de modo geral, ao alto das capas e folhas de rosto ou nas chamadas folhas de série. Eis aí, com pequenas adaptações, a definição contida no vocabulário técnico da American Library Association (4).

Entretanto, não é a esse tipo de coleção que me refiro no título desta nota, com uma enfática negativa. O que no Brasil chamamos de coleção ou série — **collection** ou **série** em francês, **series** em inglês e **Reihe** em alemão — só merece elogios. Todos admiramos a **Brasiliana** da Companhia Editora Nacional, a **Coleção Documentos Brasileiros** da Livraria José Olympio Editora, **Novas Perspectivas em Comunicação** da Editora Vozes, **Debates** e **Estudos** da Editora Perspectiva e várias outras, tanto quanto lamentamos o desaparecimento da **Biblioteca dos Séculos** da Editora Globo, da **Biblioteca Histórica Brasileira** e da **Biblioteca Histórica Paulista**, que Rubens Borba de Moraes tão bem dirigiu para a Livraria Martins Editora.

Chamemos a estas de **coleções abertas** — honestamente abertas — das quais podemos adquirir todos ou apenas os volumes que nos interessam. Claro que é vantajoso para muitas bibliotecas — sobretudo as universitárias — manter completas coleções como a **Brasiliana** ou a **Documentos Brasileiros**. O que não me parece de todo legítimo é classificar tais coleções em um só lugar, quando a matéria que relaciona seus volumes é tão vasta, incluindo obras de interesse histórico, geográfico, biográfico, literário, científico, econômico etc. Mais razoável seria classificar cada volume pelo seu assunto espe-

cífico, com uma ficha coletiva no catálogo. Isso, entretanto, é problema para classificadores. É outra história, como diria o velho Kipling.

Podemos chamar as coleções de que trata esta nota de **fechadas**: matreiramente fechadas. As mais importantes, em língua inglesa, talvez sejam **Harvard Classics** — editada em 1957 pela Colliers, com 51 volumes — e **Great Books of Western World**, editada em 1952 pela Encyclopaedia Britannica Inc., em 54 volumes. Ambas possuem excelentes índices temáticos — o grande chamariz utilizado pelos vendedores — mas a seleção não prima pelo que os ingleses chamam de **catholic taste**. Dos **Great Books of Western World**, por exemplo, escreveu Julián Mariás que é menos ocidental do que irremediavelmente provinciana. Pois, excluindo as obras de um Racine e de um Molière, ela inclui os chamados “documentos políticos americanos” (5).

Dentre as maiores coleções fechadas do Brasil estão a **Biblioteca Internacional de Obras Célebres** — publicada no Rio de Janeiro por uma Sociedade Internacional e sem indicação de data, com 24 volumes — e **Clássicos Jackson**, publicada no Rio de Janeiro pelo editor norte-americano W. M. Jackson, também sem indicação de data e com 40 volumes. Hoje as coleções fechadas proliferam no mercado editorial brasileiro, vendidas a prazo, de porta em porta, ou nas bancas de jornais e revistas. São fáceis de identificar pelo estilo cafona das encadernações, cheias de dourados, porque não é só “com bananas e bolos que se enganam os tolos”, como diz um velho ditado, mas também com o ouro das encadernações industriais, tão apropriadas para enfeitar salas de visitas, como, por exemplo — Deus me perdoe! — a **Bíblia Sagrada** que The Encyclopaedia Britannica distribui como brinde aos compradores de suas coleções: uma Bíblia que faz **pendant** com as imagens vendidas pela Casa Sucena.

Ultimamente, tais coleções passaram a ser duplamente fechadas, porque seus volumes — vendidos periodicamente nas bancas de jornais — são envolvidos em celofane que impossibilita o exame dos respectivos conteúdos. A organização que mais utiliza esse expediente em nosso país é a Editora Abril. As mais conhecidas coleções fechadas são **Os Imortais da Literatura Universal**, **Os Pensadores**, **Os Cientistas** (textos e materiais para experiências), **Grandes Compositores da Música Universal** (discos). A mesma editora já anunciou uma “coleção de obras de referência para ser usada como fonte de consultas, pesquisa, atualização e mesmo entretenimento” e se

chamará **Centros de Leitura Abril** (6). Como se vê, já não precisamos pesquisar; e brevemente não precisaremos mais pensar porque a Editora Abril pensará por nós.

As coleções fechadas mais recentes são **Obras Imortais da Nossa Literatura** da Editora Três e **Literatura Brasileira Contemporânea**, em promoção conjunta da mesma editora com a Livraria José Olympio e a Civilização Brasileira; e de proporções das chamadas monumentais, a da Editora Opera Mundi, que parece haver sido organizada somente para publicar a **Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura**, em 60 volumes encadernados. Trata-se, aliás, de poderoso grupo multinacional, ligado à International Learning System Corporation e à Caxton Publishing, de Londres.

O que há de fundamentalmente errado nessas coleções é não oferecerem seus editores nenhuma possibilidade de opção, impondo a todos seus critérios, dos quais podemos dizer como o profeta Isaías: “Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos; nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o Senhor” (Is. 55:8). O editor quer vender a obra encaixada, caída em domínio público ou cujos direitos autorais são mais baratos. Não lhes interessa se o autor é realmente bom, a obra é a melhor, o texto é integral, a tradução é fiel ao original. Aos bibliotecários, porém, o que se constitui como verdadeira obrigação moral e dever profissional é a aquisição dos melhores autores e das obras mais representativas, dos textos mais fidedignos e de traduções que não façam jus ao aforismo **traduttori, traditori**.

Ora, além de irremediavelmente condenadas pelo motivo já indicado, as coleções fechadas não se recomendam nem pelo conteúdo nem pelo continente. As encadernações são, como já disse, de por vezes horripilante mau gosto. Os autores escolhidos nem sempre são os melhores e dos bons autores publicam-se, de modo geral, as obras menos significativas. Os dois primeiros volumes da coleção **Literatura Brasileira Contemporânea**, por exemplo, são as obras menos representativas de José Lins do Rego — **Pedra Bonita** — e de Érico Veríssimo — **Olhai os Lírios do Campo**.

Quanto à **Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura**, toda gente sabe como são falhos, com raras exceções, os julgamentos destinados a conferir grandes prêmios literários, científicos ou políticos. Além de não ser infalível, a Academia Sueca tem cedido a conveniências diplomáticas, premiando, assim, tanto os bons escritores como os medíocres. Basta examinar a lista de autores distinguidos com essa láurea para ver, ao lado de escritores da categoria

de Thomas Mann, Eugene O'Neil, André Gide e outros, literatos menores como Sully Prudhomme e Sinclair Lewis.

Em obra na qual descreve a descoberta da estrutura molecular do ADN — **The Double Helix; a Personal Account of the Discovery of the Structure of DNA** — James Watson refere-se à falta de escrúpulos de certos pesquisadores empenhados mais na conquista de prêmios do que no progresso da ciência. Vale a pena ler, a propósito, o estudo já clássico do sociólogo Robert K. Merton, intitulado "Priorities in scientific discovery: a chapter in the sociology of science" (7). O que é aqui recordado para mostrar que o simples fato de um autor haver recebido o Prêmio Nobel não constitui recomendação intelectual ou pessoal. De alguém que participou de uma reunião da Fundação Nobel, na qual estavam presentes 18 premiados, ouviu Jacques Bergier este depoimento impressionante: "A porcentagem de cretinos entre os que receberam o Prêmio Nobel é a mesma de todos os lugares" (8). Não há razão, portanto, para que uma biblioteca adquira obras pela enganosa circunstância de serem os respectivos autores laureados com o Prêmio Nobel.

Examinando, por acaso, o volume 21 da coleção **Os Imortais da Literatura Universal — Os Noivos**, de Alessandro Manzoni — verifiquei, cotejando-o com uma edição italiana idônea (Milano, U. Hoepli, 1948) que enquanto o texto original tem 38 capítulos, o daquele volume tem 33, todos, aliás, reduzidos à metade. Consultando, também ao acaso, o volume IV da coleção **Os Pensadores** — coleção de que é responsável o próprio presidente da Abril Cultural — verificasse uma desproporção entre a **Metafísica** e a **Poética** de Aristóteles — ambas em versão direta do grego — e as demais obras do Estagirita incluídas no mesmo volume. A **Metafísica** está anotada por Joaquim de Carvalho e a **Poética** aparece na magistral edição crítica de Eudoro de Sousa, da qual, entretanto, foram eliminados a introdução e indispensáveis esclarecimentos constantes dos vários apêndices. As outras obras aparecem em traduções de segunda mão e sem qualquer comentário. Isto significa ser muito mais proveitosa a leitura da **Poética** de Aristóteles na edição da Livraria do Globo — pertencente, aliás, à **Biblioteca dos Séculos** — do que na coleção **Os Pensadores** da Abril Cultural: mais proveitosa e menos dispendiosa.

Sobre o problema das coleções, vale a pena ler as judiciosas e lúcidas considerações do editor J. Heydecker, publicadas em sua prestimosa e bem elaborada bibliografia **Livros Novos** (9). Parece que foi pensando nas coleções fechadas que Ortega y Gasset afirmou serem "inúteis ou estúpidos", na sua grande maioria, os livros

publicados no mundo em proporções cada vez mais avassaladoras. Selecionar é, conseqüentemente, uma necessidade imperiosa tanto do leitor quanto do bibliotecário. Impondo-nos uma seleção que os editores fazem **pro domo sua**, as coleções fechadas só merecem a enfática repulsa manifestada no título desta nota: seleção, sim; coleções, não!

Abstract

Selection, yes; collections, no!

The choice of bibliographic and audio-visual material is the specific function of the librarian, whose mission was defined by the essayist Ortega y Gasset as a filter placed between the flood of books and man. Collections of masterpieces of universal culture — as well as collections of national cultures — should be avoided by public libraries as they end up being much more expensive than the purchase of the individual works in better and less expensive editions.

REFERÊNCIAS

1. ORTEGA Y GASSET, José. **Misión del bibliotecario y otros ensayos afines**. 2. ed. Madrid, Revista de Occidente, 1968, p. 91.
2. BORGES, Jorge Luis. "Junio, 1968". In: **Elogio de la sombra**. Buenos Aires, Emecé, 1969, p. 91.
3. FONSECA, Edson Nery da. O negócio das enciclopédias. **Ciência da Informação** 1 (2) :91-96, 1972.
4. THOMPSON, Elizabeth H. **A.L.A. glossary of library terms**. Chicago, American Library Association, 1943, p. 124.
5. MARIAS, Julián. **Um mundo novo: os Estados Unidos**. Trad. de Diva Ribello de Toledo Piza. Rio de Janeiro, Editora Presença, 1964, p. 101-103.
6. Cf. **Escola**, São Paulo (21) :15, nov. 1973.
7. MERTON, Robert K. Priorities in scientific discovery: a chapter in the sociology of science. **American Sociological Review** 22 (6) :635-659, Dec. 1957.
8. BERGIER, Jacques. **Os livros malditos**. Trad. de Rachel de Andrade. São Paulo, HEMUS Livraria Editora, s.d., p. 125.
9. HEYDECKER, J. Esplendor e miséria das coleções. **Livros Novos**, São Paulo, 3 (1) :1, 1974.